



AS SERRARIAS NA REGIÃO DE IRATI – PARANÁ: ECONOMIA E PRÁTICAS CULTURAIS.

Lucas Kosinski (IC/Voluntário)
Hélio Sochodolak (Orientador), e-mail: sochodo@gmail.com

Universidade Estadual do Centro-Oeste/Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes. Irati-PR

Ciências Humanas/ História

Resumo

Este trabalho se refere a um Projeto de IC, cujo objetivo consistiu em identificar as práticas econômicas e culturais das Vilas Operárias das Serrarias que se fundamentaram a partir da Indústria Madeireira no Paraná. Embora o principal objetivo fosse analisar o cotidiano de duas Vilas Operárias, uma pertencente à Serraria de Emílio Baptista Gomes, conhecida como “Vila Operária do Gomes” e outra da Serraria de Alberico Xavier de Miranda, denominada “Vila Operária da Fazenda Florestal” o desenvolver do Projeto, nos levou a um rumo diferente. Considerando que a Serraria da Família Gomes já havia servido enquanto objeto de estudo para outras duas pesquisas históricas, com objetivos semelhantes e que a de Alberico Xavier de Miranda ainda não havia sido problematizada a partir da historiografia, foi para última que nós dirigimos a atenção a fim de elaboramos um Estudo Histórico, que nos possibilitou a criação de uma Narrativa.

Introdução

Antes de nos referirmos à pesquisa, vale ressaltar que a Vila Operária da Fazenda Florestal, diferentemente do título do projeto, não se situava em Irati. Partimos do pressuposto de que por hoje a região que compõe a Vila pertencer à Irati, na época também pertenceria, mas o desenvolvimento da pesquisa nos evidenciou que não, antes de uma disputa territorial entre Irati e Fernandes Pinheiro, o território era de Fernandes que na época era distrito de Teixeira Soares. Logo seria inútil problematizarmos uma Vila Operária sem ao menos conhecermos como se estabeleceu o processo de industrialização no Estado do Paraná.

De acordo com o historiador Ruy Wachowicz, até o começo do século XX, o Paraná se fundamentava economicamente enquanto um Estado Agrário, a potência econômica que o Mate representava enquanto 31% do orçamento estatal possibilitou essa caracterização. (WACHOWICZ, 1977, p.209). Foi após a Primeira Guerra mundial, que a Elite Econômica Paranaense encontrou a possibilidade de exportar imensas quantidades de madeira dos sertões, concretizando o processo de industrialização:

Impossibilitada a importação do similar estrangeiro para o Brasil por causa do conflito bélico, houve intensa procura do pinho. Não só foi abastecido o mercado interno, como conquistado o de Buenos Aires, que rapidamente deu preferência à madeira do Paraná, devido as suas qualidades superiores. Multiplicaram-se as serrarias, de preferência ao longo da estrada de ferro, recém-aberta, ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul. (WACHOWICZ, 1977, p.210).

Logo se espalharam pela Estrada de Ferro inúmeras serrarias, consequentemente com as suas Vilas Operárias. De acordo com o *Album do Paraná*¹, entre 1919 e 1921 o Estado contava com mais de 40 serrarias, dentre elas podemos citar a Serraria Marumby e Serraria Monte Líbano em Ponta-Grossa, Serraria Santo Antonio, em Rebouças, Serraria Iraty em Irati, e a Serraria A. Miranda e Cia de Alberico Xavier de Miranda, situada em Fernandes Pinheiro distrito de Teixeira Soares, esta empresa iniciou suas atividades enquanto A. Miranda e Cia em março de 1920 conforme noticiou o jornal “*A República*”² Guilherme Xavier de Miranda e seu filho Alberico Xavier de Miranda:

(...) organizaram uma sociedade em commanda com sede em Fernandes Pinheiro neste Estado, tendo como sócio comandatario o primeiro assignado o segundo sob Razão Social de A. Miranda e Cia, para em sucessão da firma individual do sócio comandatário, nos negócios de exportação de madeira, explorar este ramo de comércio, tendo iniciado suas operações em 1º de abril do corrente anno Curityba 19 de maio de 1920.

A forma que Alberico Xavier de Miranda encontrou de organizar a mão de obra para a sua Indústria Madeireira foi através do emprego de uma estratégia que aproximou os trabalhadores o máximo possível de seus trabalhos, fixando-os em uma Vila Operária, nas proximidades da Serraria e de sua Casa. Segundo o relato de Odete Xavier de Miranda, presente no texto de instrução para o tombamento da Casa Sede da Vila Operária da Fazenda Florestal, Florestal: A Cidade-Fábrica dos Pinheirais, a Vila:

Era uma pequena cidade, então a serraria era uma vilazinha, tudo organizado. No armazém tinha desde fumo, até botinhas e calças. Sábado era reservado para os homens que trabalhavam no mato, Então esses vinham no sábado, todos no armazém.

Percebe-se através do exemplo da Fazenda Florestal, que durante o Ciclo Econômico da Madeira no Estado do Paraná a Iniciativa Pública confiou na Iniciativa Privada a condição de abrigar os operários de suas respectivas indústrias, formaram-se a partir de então as Vilas Operárias, locais “bem organizados” conforme a Vila que a Sra. Odete se referiu, onde a iniciativa privada, no caso os proprietários industriais, exerciam o poder e controle total, sobre a vida dos seus trabalhadores.

Materiais e métodos

O primeiro momento da pesquisa consistiu no levantamento de fontes. Para tal atividade, nos direcionamos até a Prefeitura de Teixeira Soares. No Arquivo Inativo encontramos ofícios e documentos contábeis que nos possibilitaram perceber quais eram as relações políticas e econômicas que Alberico Xavier de Miranda possuía com o poder executivo local. De acordo com os relatos colhidos, toda a documentação da serraria foi queimada quando a mesma encerrou suas atividades. Assim, não pudemos aprofundar as análises na questão econômica. Na Biblioteca Pública do Paraná realizamos uma busca das principais serrarias que se instalaram

¹ Acervo: Biblioteca Pública do Paraná.

² Acervo: Museu Paranaense.

no Paraná no começo do século XX, além de mais fontes que nos ampliasse a percepção em relação ao processo de industrialização paranaense.

O segundo momento, consistiu na busca de depoimentos de pessoas envolvidas com a vila operária da Fazenda Florestal. Encontramos o Sr. Leônidas Zittel, nascido em Teixeira Soares em 25 de Julho de 1930 que atuou como torneiro mecânico na indústria madeireira. Ele se mudou com sua família para a Fazenda Florestal no começo da década de 1930, com cerca de cinco anos. Conseguiu o primeiro emprego como carregador de nó de pinho e permaneceu na vila operária até 1949, quando as atividades industriais tiveram fim. Entrevistamos também o Sr. Guilherme Xavier de Miranda, nascido em 03 de Janeiro de 1934. Ele viveu na Vila Operária da Fazenda Florestal até a década de 1940.

O terceiro e último momento consistiu na problemática das fontes. Com uma bibliografia levantada para o projeto, realizamos a leitura de *A Verdade e as Formas Jurídicas* de Michel Foucault, que propõe uma busca pela História da Verdade baseada nas práticas judiciárias, traçando algumas considerações em relação ao poder e como ele se manifesta em certas instituições jurídicas e também industriais. Também Michel de Certeau, em *Invenção do Cotidiano*, problematiza o cotidiano em uma perspectiva de relações de poder. Sugere que sempre existem brechas onde o poder escapa, caracterizando os indivíduos submetidos a relações de poder enquanto aqueles que burlam o poder através de diferentes práticas e que reiventam o cotidiano ao qual estão inseridos, as táticas.

Também realizamos a leitura de artigos e dissertações, de especializações, mestrado e doutorado de pesquisadores que se propuseram a pesquisar vilas operárias, como Daniela Ketzner Milano e seu artigo sobre *Habitações Operárias Inglesas e as suas representações em imagens*, Júlio César Braga em sua problemática da *Vila Operária da Madeireira Gomes: Trabalho Moradia e Dominação, Irati- PR 1950-1985*, que identificou enquanto traço característico daquele cotidiano industrial, a figura paternalista que o proprietário assumia em relação ao seu operariado e que permitia a sua respectiva dominação. Todas as fontes problematizadas foram cedidas ao Museu Municipal de Irati, para futuras pesquisas.

Resultados e Discussão

Como estamos tratando de um cotidiano industrial, percebe-se que a vigilância assumiu um papel fundamental. Foi pela vigilância que Alberico Xavier de Miranda, construiu em 1920 a sua casa de frente para vila operária. Percebe-se que principal objetivo não era excluir os operários, mas sim fixá-los à indústria, enquanto um meio de produção, de forma a garantir a sua produção, a sua normatização ou quando necessário a sua correção. (FOUCAULT, 2002, p. 114). Logo se sugere que os operários viviam relações de poder. Estas relações tornam-se perceptíveis quando analisamos o depoimento concedido por Leônidas Zittel, que ao se referir sobre a vigilância no trabalho disse: “O Miranda tinha o escritório montado com gente competente (...) eram os gerentes, os guarda livros, o feitor era tudo assim”.

De acordo com o Sr. Leônidas, o trabalho com a madeira, era organizado em etapas. A primeira era o corte na mata, levado a vagonetes até a serraria, onde eram classificadas finalizando a segunda etapa. Na terceira, as madeiras eram tratadas e na quarta eram recortadas e secadas na estufa. Os serviços eram divididos conforme o sexo e a idade cabendo aos homens os serviços braçais e que exigiam mais esforço físico, às crianças e às mulheres os trabalhos manuais, na fabricação

de pastas com o cozimento de fatias de madeira. Essa pasta era secada e vendida a São Paulo para se fazer o papelão. Mesmo sabendo que este cotidiano se organizava pela vigilância, que exigia a produção do operariado, não significa que o mesmo não encontrava formas de burlar este poder, pois assim como sugere Ceretau, estes: “constituem mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sócio cultural” (CERTEAU,1994, p.41).

Identificamos na vila operária da Fazenda Florestal, duas práticas utilizadas pelos indivíduos que recriavam o cotidiano e as relações de poder ao qual estavam inseridos. A primeira delas foi a criação de um espaço de sociabilidade, o Clube. “Eles fizeram até uma casa que era o clube, que deu uma chuva e caiu o clube... ficou uma parte de tempo lá”. (Guilherme Xavier de Miranda). Para o Sr. Leônidas, era lá onde os operários se reuniam para conversar, dançar bolero, valsa e xote, era o refúgio do trabalho, o local onde ouviam músicas e cantavam, onde se realizavam os desfiles e competições carnavalescas. Outro espaço criado pelos operários foi o Campo de Futebol, no campo todos os homens e crianças se reuniam para “bater bola” ou até mesmo para um pequeno torneio ou competição. Vale ressaltar que no que se refere às práticas, estas são perceptíveis na década de 30 e 40, época em que a vivência de Guilherme Xavier de Miranda e de Leônidas Zittel, fundamentam estas memórias.

Conclusões

Com o esgotamento da madeira por mais de 20 anos de exploração, em 1949, 450 alqueires da Fazenda foram vendidos para o governo do Estado do Paraná. O restante ficou destinado à proteção ambiental de propriedade do Instituto Nacional do Pinho através da venda de 386 alqueires de terra em 1946³. Com o término deste trabalho, pudemos compreender como operava a cultura de uma Vila Operária, fruto do ciclo econômico da madeira do Paraná. Por parte da elite econômica e proprietária da serraria, havia a imposição de práticas de vigilância, que exigiam a produção do operariado, por parte do último, além de meio de produção. A vila era também cenário de diferentes práticas que burlavam o poder e reiventavam o cotidiano que lhes era imposto.

Referências

- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1994.
FOUCAULT, M. A Verdade e as formas jurídicas. São Paulo: Ed Loyola; 1996.
POLINARI, M. Florestal: A Cidade-Fábrica dos Pinheirais. Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. 1990.
WACHOWICZ, R. História do Paraná. 4 ed. Curitiba: Gráfica Editora Paraná, 1977.

Entrevistas

MIRANDA, Xavier, Guilherme. (79 anos). Entrevista concedida a Lucas Kosinski em 12 de Dezembro de 2013. Curitiba-PR. (disponível no Museu Municipal de Irati-PR). ZITTEL, Leônidas. (83 anos). Entrevistas concedidas a Lucas Kosinski em 05 de Setembro de 2013 e 13 de Setembro de 2013. Irati-PR. (disponível no Museu Municipal de Irati-PR).

³ Relatório realizado pela equipe técnica do FLONA em 1950. Acervo: CEDOC/I.